



ALEGORIA E DOCTRINAÇÃO – DE UM PERCURSO PESSOAL A UMA POÉTICA VISUAL

DIANA KRÜGER MARTINS¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – dkmartins90@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um recorte de minha pesquisa, em fase inicial, temporariamente intitulada “Alegoria e doutrinação – de um percurso pessoal a uma poética visual”, sob orientação da professora Renata Azevedo Requião, a qual se desenvolverá a partir da Linha de Pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas. No referido projeto, apoiando-me em vivências particulares, busco desenvolver uma poética que parte da condição feminina experimentada no ambiente evangélico contemporâneo. Tal experiência (ocorrida ao longo da minha adolescência e início da fase adulta) foi extremamente marcante. No campo de criação das Artes Visuais, neste primeiro momento, pretendo me utilizar do recurso artístico-expressivo da “alegoria”, como forma de construir uma poética pessoal, o fazer artístico que depende de “processo”, de aproximação lenta e cuidadosa de algum “afazer expressivo”, pautado por questões e potências pessoais. No meu caso, para a consolidação de um projeto poético, me utilizarei da própria experiência religiosa, e de tudo o que dela pude acumular como materialidade, no longo e pessoal percurso da conversão até a apostasia.

O termo “alegoria”, derivado do grego “allegoreno” (junção de “allos”, “outro” e “agorein”, “falar”), denota uma figura de estilo, figura de linguagem, presente nas Artes e na Literatura, usada para expressar sentimentos ou ideias. Como acontece com as demais figuras de linguagem, através de uma alegoria, pode-se transmitir um conceito por meio de imagens, sendo assim, ela sempre falará de outra coisa, e não de si mesma. Nas Artes Visuais, a alegoria é recurso empregado ao longo dos séculos. Sempre serviu de especial utilidade à arte de conotação religiosa/cristã, para variados propósitos que vão desde retratar as virtudes ideais, passando por pecados capitais, trechos bíblicos, parábolas, e outras mensagens de cunho doutrinador.

Ao me apropriar desta estratégia discursiva, de forma criativa e poética, pretendo trabalhar as impressões resultantes do meu período de vivência evangélica em suas variadas fases, nas diferentes etapas da convivência em congregação, e por fim, chegando ao processo de apostasia, isto é, abandono da crença. Ao me aproximar do Campo dos Processos Criativos e das Poéticas do Cotidiano, pretendo buscar meu processo artístico, como desenhista, como ilustradora, como artista que tem, desses anos de represamento da vida, farto material acumulado. Minha criação poética necessariamente tem que se haver com a contraparte dessa realidade por mim experimentada em meu próprio corpo, durante aproximadamente dez anos. Como contraponto me interessa estudar, em busca de referências, como a figura feminina é representada na contemporaneidade, e como as próprias mulheres se representam – percebendo claramente o momento de empoderamento das vozes femininas.



Afora questões que virão a emanar de meu próprio fazer poético, como referencial teórico, me apoio nos estudos de Walter Benjamin (1984), sobre as definições e usos do termo “alegoria”, bem como nas considerações de Craig Owens (2004), a respeito do ressurgimento do seu uso como recurso criativo na Arte Contemporânea. A condição feminina em suas diferentes instâncias, assim como os processos sociais dos quais resultam os signos de feminilidade, questão que me interessa trabalhar poeticamente, tem em Simone de Beauvoir (2009) forte referencial.

Para abordar a Arte Contemporânea, contemplando seu desenvolvimento em torno de diferentes expressões e questões, e sua crescente potência comunicativa, me apoio em Anne Cauquelin (2005) e Michael Archer (2001). Já, investigando o corpo e suas interpretações no imaginário social e cultural, me utilizo de David Le Breton (2012).

2. METODOLOGIA

Para a descoberta de minha poética e construção de um projeto artístico, o referencial metodológico inicial provém do reconhecimento de minhas próprias experiências pessoais. De 2004 a 2014, congreguei em uma igreja evangélica, que embora rejeitasse clichês e jargões comportamentais utilizados pela grande mídia, ainda sim, mantinha em seu arcabouço ideológico noções altamente tradicionais com relação a diferentes áreas da vida. CUNHA(2007) usa o termo “modernidade de superfície” para se referir à essa recente faceta da religiosidade nacional, que vem se mostrando cada vez mais em voga, influenciando inclusive, meios que em tese, deveriam permanecer laicos. Congregações protestantes, que, aderindo a práticas estrangeiras (especialmente norte-americanas), buscam “atualizar” seu esquema evangelístico, para isso adotando amplo uso das mídias sociais, modernizando templos, introduzindo ritmos musicais antes considerados proibidos (como rock ou reggae) juntamente de instrumentos antes tachados como “diabólicos” por lideranças tradicionais (como guitarra e bateria) e promovendo a abertura de novos ministérios. Também está em evidência a adoção de tendências estéticas típicas da cultura jovem secular, que acabam sofrendo uma apropriação e remodelagem com o objetivo de difundir a mensagem evangelística. Todos estes esforços fazem parte de uma estratégia massiva, tendo como alvo as gerações mais jovens.

Tendo passado por um percurso formado por conversão, batismo nas águas, comunhão, doutrinação e santificação, até por fim, chegar à apostasia, coletei um amplo repertório de experiências, bem como lembranças físicas. Tais objetos não só servem como evidências de uma busca fervorosa pela comunhão com o sagrado, mas também guardam em si curiosas relações com ensinamentos especialmente voltados às “Filhas do Rei”. Virgindade, casamento, mansidão e submissão, são apenas alguns dos tópicos que estranhamente se fazem mais presentes quando o discurso religioso é direcionado à mulher e é revisitando meu “pequeno acervo”, espécie de arquivo (composto por livros, adornos, cosméticos e outros utensílios que em sua maioria constam de presentes recebidos de colegas de congregação) que me vejo diante de uma pequena amostragem de objetos referentes ao sexo feminino. É com essa *memorabilia* que pretendo construir minha poética e um projeto a ela associado, investigando, num primeiro momento, a potência



alegórica das mesmas. Ao abordar a utilização do recurso da alegoria, com relação ao artista, BENJAMIN(1984, p.207) afirma que “em suas mãos, a coisa se transforma em algo de diferente, através da coisa, o alegorista fala de algo diferente, ela se converte na chave de um saber oculto (...)”. Assim sendo, buscarei me utilizar desta matéria-prima, ressignificando-a através de uma poética pessoal, transformando-a.

Estando o projeto ainda em fase inicial, busco investigar como referencial criativo artistas que trabalharam não apenas com a temática pessoal autobiográfica, mas que também dotaram sua temática de farto conteúdo alegórico, associado à “vida em comum”, como Frida Kahlo, Judy Chicago, Louise Bourgeois, Marcel Duchamp, Ana Mendieta, Leonilson, Marina Abramović e Brígida Baltar. Em minha prática poética, pretendo unir diferentes expressões, como desenho, pintura, bordado e escultura, buscando um hibridismo visual que remete ao caráter anacrônico de qualquer discurso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa, que une o pessoal à vida compartilhada, tensões antigas às atuais, minha expressão ainda em fase de descobrimento a partir de uma habilidade de representação que vem do desenho e de outras técnicas, ainda encontra-se em processo de maturação. Sabemos que interessantes relações podem nascer quando o ato criativo se apóia sobre uma visão particular, potente e inalienável, resultante de um percurso que se deu em meio a intensas transformações pessoais. Entrarei num processo de identificação dos elementos de minha *memorabilia*, buscarei dizer de cada um, tentarei associar minha produção pregressa a essa materialidade pulsante – “materialidade” que é resultado de meu encontro com esses objetos guardados.

O processo de conquista de uma expressão poética, depende do enfrentamento dos questionamentos pessoais, apoia-se em uma experiência particular, através do que se abre, no encontro com a materialidade escolhida, um espaço para a reflexão. É daí que emerge um pensamento específico, em que certo discurso ainda não pronunciado se anuncia. Trabalhando nos movimentos iniciais de minha pesquisa, passível de modificações, tenho a chance de explorar essa possibilidade poética e teórica, diretamente relacionada com a “vida em comum” (termo utilizado por minha orientadora, a partir da proposta de BARTHES(2002), a respeito da “tópica da distância” prevista nas práticas de “viver com”). Acredito que o potencial de minha proposta encontra-se na experiência, e na re-apropriação destes elementos físicos, os objetos guardados, condicionados à expressão alegórica. Ao abordar o procedimento alegórico, TRAVASSOS (2016,p.59), citando Walter Benjamin, comenta que tais fragmentos (sejam físicos ou não), quando tomados pelo alegorista, são “resgatados” do esquecimento, pois assumem, através do ato criativo, um novo significado. Desta forma, poderei construir um projeto poético com a potência de meu percurso pessoal, me apropriando de objetos, ajuntando-os a novos, ressignificá-los, e assim ao meu passado e ao presente, formulando um discurso poético.

4. CONCLUSÃO



Desenvolver um projeto que traz em si uma série de memórias, e questões pessoais pautadas na experiência e em conflitos de amadurecimento, se coloca como um desafio para qualquer artista/pesquisador. Acredito que esta questão se potencializa quando a proposta põe em cheque assuntos delicados, como crença, dogmas comportamentais e questões de gênero. Questões enfrentadas por milhares de pessoas, particularmente por milhares de mulheres, num país como o Brasil. Essa é uma forma de opressão num país de supostas liberdades.

Reconheço que, como artista-pesquisadora, e autora desta pesquisa, posso estar adentrando em um terreno de hostilidades, tanto em relação ao sistema religioso, em nosso país marcadamente político, quanto em relação à produção das Artes Visuais na Contemporaneidade. Busco, em meu âmbito particular, a catarse criativa, mas também o questionamento a respeito de uma realidade altamente complexa, sutil e agudamente dominante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVIC, M. **Pelas paredes- Memórias de Marina Abramovic**. São Paulo: José Olympio, 2017.
- ARCHER, M. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BARTHES, R. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo - O Volume único**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERNARDAC, M.L., **Louise Bourgeois**. Nova York: Rizzoli, 2008.
- BRETON, D.L. **Antropologia do corpo e modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BRETT, G. **Ana Mendieta**. Berlin: Hatje Cantz, 2004.
- CAMPOS, M. **Brígida Baltar. O que é preciso para voar**. Niterói: Aeroplano, 2011.
- CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHICAGO, J. **The dinner party: From Creation to Preservation**. Londres: Merrell Publishers Limited, 2006.
- GOMBRICH, H. E. **A História da Arte**. 16 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.
- HERRERA, H. **Frida - A Biografia**. Porto Alegre: Globo, 2011.
- LAGNADO, L. **Leonilson – São tantas as verdades**. São Paulo: DBA, 1998.
- TRAVASSOS, M.L. Reconfigurações do alegórico no contemporâneo: leitura anacrônica. **Cadernos Walter Benjamin**, Universidade Estadual do Ceará, v.16, n.16. 59-66, 2016.